

## Da *manosphere* à machosfera: práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizada

*From the manosphere to the machosfera: masculinist (sub)cultural practices in anonymity-based online platforms*

### Gracila Vilaça

Doutoranda em Comunicação Social no Programa de Pós-Graduação da UFMG (2020-2024). Sua pesquisa investiga o fenômeno da machosfera brasileira observando o entrelaçamento entre plataformas, masculinidades e memes no Reddit, por meio de métodos qualitativos. É pesquisadora do R-EST – estudos redes sociotécnicas.

### Carlos d'Andréa

Professor do PPGCOM/UFMG e coordenador do grupo de pesquisa R-EST – estudos redes sociotécnicas. Doutor em Estudos Linguísticos (PosLin/UFMG), fez estágio pós-doutoral pela Universidade de Amsterdam (UvA).

### RESUMO

Neste artigo, focamos em um conjunto multiplataforma de comunidades online que é autodenominado "*manosphere*" e que se vale de estratégias de inversão de opressões relacionadas a gêneros, raças, sexualidades e classes para construir suas masculinidades. Buscando compreender a dinâmica transnacional da *manosphere* e as encruzilhadas contextuais da "machosfera" brasileira, discutimos suas articulações com as Novas Direitas, sua sobreposição com *alt-right* e sua participação nas guerras culturais online, assim como os entrelaçamentos entre as práticas de homosocialidade e as plataformas baseadas no anonimato, como o Reddit. Introduzimos ainda a "filosofia" da Pílula Vermelha e sua relação com práticas (sub)culturais masculinistas de assédio. Na seção final do trabalho, apontamos chaves de observação que, em pesquisas futuras, podem nos ajudar a desvendar a machosfera brasileira, como a fluidez das masculinidades e posição contextual do Brasil no cenário transnacional de plataformas.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Manosphere; Machosfera; Guerras Culturais Online; Plataformas Anonimizadas; Masculinidades.*

**ABSTRACT**

In this paper, we focus on an online and multiplatform collection of communities self-determined as "manosphere" which draws strategies of reverse gender, race, sexualities and classes oppressions to build its masculinities on. Seeking to understand the transnational dynamics of the manosphere and the contextual crossroads of the Brazilian "machosfera", we discuss their articulations with the New Right, their overlap with the alt-right and the part they play on the online cultural wars, as well as their entanglements with homosociality practices and anonymity-based platforms, such as Reddit. We introduce The Red Pill "philosophy" and its relation to masculine harassment (sub)cultural practices. In the final section of the paper, we point out observation keys that, in future researches, might help us to unveil the Brazilian machosfera, like the fluidity of masculinities and the contextual position of Brazil in the transnational platformized scenario.

**KEYWORDS:** *Manosphere; Machosfera; Online Cultural Wars; Anonymous Platforms; Masculinities*

**RESUMEN**

En este artículo nos enfocamos en un conjunto de comunidades on-line y multiplataforma que se llama a sí misma "manosphere" y que usa estrategias de reversión de las opresiones de género, raza, sexualidad y clase para construir sus masculinidades. Buscando comprender la dinámica transnacional de la manosphere y la encrucijada contextual de la "machosfera" brasileña, discutimos sus articulaciones con las Nuevas Derechas, su superposición con la alt-right y su participación en guerras culturales on-line, así como los entrelazamientos entre los prácticas de homosocialidad y las plataformas basadas en el anonimato, como Reddit. También presentamos la "filosofía" The Red Pill y su relación con las prácticas masculinistas (sub)culturales de acoso. En la sección final del trabajo, señalamos claves de observación que, en futuras investigaciones, pueden ayudarnos a develar la machosfera brasileña, como la fluidez de las masculinidades y la posición contextual de Brasil en el escenario transnacional de plataformas.

**PALABRAS CLAVE:** *Manosphere; Machosfera; Guerras Culturales Online; Plataformas Anonimizadas; Masculinidades*

Submetido em 09 de Junho de 2021

Aceito em 12 de Setembro de 2021

## Introdução

Em maio de 2020, personalidades estadunidenses como o CEO da Tesla Motors, o bilionário Elon Musk, e a filha do então presidente dos Estados Unidos, Ivanka Trump, usaram suas contas no *Twitter* para fazer referência à Teoria da Pílula Vermelha (em inglês, simplesmente *The Red Pill*, ou *TRP*). Musk escreveu "*Take the red pill*" ("tome a pílula vermelha", em uma tradução livre) e, dentre as dezenas de milhares de tuítes que respondem à postagem, está o de Ivanka Trump que complementou com uma simples palavra: "*taken!*" ("tomada!"). Alguns dias antes, o então ministro da Educação do Brasil, Abraham Weintraub, também no *Twitter*, já havia feito referência à *TRP* ao postar "está chegando o momento de decidir..." junto com uma imagem estática do primeiro filme da trilogia *Matrix* (1999) em que o personagem Morpheus oferece ao personagem Neo uma "última chance" de encontrar "a verdade" a partir da decisão de tomar a pílula azul (que o levaria de volta para sua vida ordinária) ou vermelha (que o apresentaria a uma nova e verdadeira realidade).

Dentre as várias respostas aos três tuítes acima, destacamos a de uma das criadoras e diretoras da trilogia *Matrix* (1999, 2003, 2003), Lilly Wachowski: "*fuck you*", ela respondeu para Weintraub. Para Musk e Ivanka não foi diferente: "*Fuck both of you*"<sup>1</sup>. Em seguida, em sua conta no *Twitter*, ela indicou uma organização social estadunidense que acolhe pessoas transgênero e gênero fluído vulnerabilizadas<sup>2</sup>. Lilly Wachowski, que tornou pública sua transgeneridade em

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2020/05/18/criadora-de-matrix-responde-referencia-de-weintraub-a-filme-vai-se-fder.htm>>. Acesso em: 30 mai. 2021.

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/elon-musk-e-filha-de-trump-tuitam-sobre-tomar-pilula-vermelha-e-diretora-de-matrix-responde-vao-se-fo/>>. Acesso em: 30 mai. 2021.

2016 – quatro anos depois de sua irmã com quem cocriou e dirigiu *Matrix*<sup>3</sup> –, com frequência manifesta seu desacordo com algumas apropriações das metáforas do filme por parte de personalidades e agrupamentos conservadores e/ou radicais da ala direita da política. Um dos seus principais desacordos tem sido justamente em relação a algumas interpretações sobre a pílula vermelha tomada pelo personagem Neo. Para as criadoras e diretoras, a pílula vermelha seria uma referência à pílula de estrogênio e escolher tomá-la e entrar na *Matrix* seria uma alegoria à transição de gênero<sup>4</sup>.

Estes episódios – decorridos em uma das plataformas *online* mais usadas e “visíveis” da atualidade, o *Twitter* – nos ajudam a introduzir algumas das referências culturais adotadas por um enclave identitário que se sobrepõe e se desprende das políticas das Novas Direitas em uma guerra cultural que, na atualidade, coloca em disputa diversas pautas como classes, raças, sexualidades e gêneros. Mais especificamente, ressaltamos que a *TRP*, uma importante metáfora da *alt-right*, é também um dos fios condutores de uma das ditas subculturas da internet mais expressivas da contemporaneidade: a *manosphere*. Antes de seguirmos com a sua descrição, vale dizer que, de acordo com Vera Cepêda (2018), a Nova Direita parte da noção tradicional de Direita que, por definição, reconhece a desigualdade como ordem natural e, portanto, como questão que está fora da ação política. Ela tem alianças com o conservadorismo – que tem sua retórica na re-ação (recusa) – e o liberalismo econômico. Cepêda (2018) destaca o enfoque da Nova Direita no campo cultural como uma luta do tipo gramsciano para a qual as mídias sociais ganham centralidade.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2016/03/10000819-andy-wachowski-cineasta-que-criou-matrix-assume-transexualidade.shtml>>. Acesso em: 30 mai. 2021.

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://observatoriodocinema.uol.com.br/filmes/2020/08/grande-segredo-de-matrix-com-keanu-reeves-e-revelado>>. Acesso em: 30 mai. 2021.

Voltando à *manosphere*, conforme Debbie Ging (2017, p. 2-3, tradução nossa), a corruptela entre *man* (homem) e *sphere* (esfera) na língua inglesa foi usada pela primeira vez em 2009 para

descrever uma rede *online* de comunidades de interesses dos homens, sendo popularizada mais tarde por Ian Ironwood, marqueteiro de pornografia e pseudônimo do livro auto-publicado *The Manosphere: A New Hope for Masculinity* (2013)<sup>5</sup>.

A *manosphere* é pensada como uma coletânea heterogênea de diversas comunidades e fóruns *online* (Nagle, 2017; Ging, 2017; O'Malley; Holt; Holt, 2020; Ribeiro *et al*, 2020) que é pioneira em se valer de técnicas de assédio para alavancar indivíduos, comunidades e governos (Marwick; Caplan, 2018). Ela estaria espalhada em *subreddits*, *blogs*, perfis no *Twitter*, canais do *YouTube* e fóruns *chans*, de maneira que pode ser pensada como rede sociotécnica multiplataforma (Ribeiro *et al*, 2020). Na atualidade, pesquisas nos Estados Unidos revelam que mais de três quartos dos partícipes daquele país são homens, brancos, heterossexuais, politicamente conservadores e com idade entre 18 e 35 anos (Zuckerberg, 2018).

A *manosphere* se organiza em torno “do movimento de direitos dos homens” e dos anti-feminismos, mas curiosamente teve sua semente plantada na solidariedade dos homens acadêmicos estadunidenses com os estudos de gênero dos anos 1970 e 1980. Conforme Alice Marwick e Robyn Caplan (2018), aqueles estudiosos teriam considerado que o sexismo e a sociedade patriarcal também seriam nocivos para os homens. Nos anos 1980 teria havido uma ruptura entre

---

<sup>5</sup> "First appearing in 2009 on a Blogspot blog to describe an online network of men's interest communities, the term was later popularized by Ian Ironwood, porn marketer and pseudonymous author of the self-published *The Manosphere: A New Hope for Masculinity* (2013)" (Ging, 2017, p. 2-3).

quem continuou a combater o sexismo e quem abraçou a masculinidade tradicional que estaria sendo "feminizada pelos feminismos". Este segundo grupo organizou suas discussões em torno da "misandria" em *blogs* dos anos 1990, até o surgimento do que hoje se convencionou chamar *manosphere*, uma derivação de blogosfera (Marwick; Caplan, 2018).

Atualmente, esse coletivo de homens com frequência se vale da violência, principalmente de gênero e raciais, como expressão de pertença a certas identidades masculinas contemporâneas (Ging, 2017; O'Malley; Holt; Holt, 2020; Ribeiro *et al*, 2020). Porém, não se trata de um grupo homogêneo e/ou consensuado. Conforme Ging (2017), grosso modo, a *manosphere* se divide entre facções de masculinidades nerds, ou betas, e masculinidades conservadoras, ou alpha. Essas divisões e subdivisões serão abordadas com mais detalhes na terceira seção do texto. De acordo com essa autora, teorizar as suas práticas masculinistas é "adicionalmente complicado pela natureza transnacional desse espaço e de seus participantes que se sobrepõem entre configurações de práticas locais, regionais e globais" (p. 5, tradução nossa)<sup>6</sup>. E essas práticas locais e regionais – mais especificamente as encruzilhadas contextuais do seu braço brasileiro – são o que queremos conhecer.

Este artigo tem como um de seus objetivos situar e discutir a transnacional *manosphere* a partir das chamadas guerras culturais *online* (Nagle, 2017). Os embates provocados ou que têm a participação da *manosphere* em plataformas como o *Twitter* são apenas a ponta visível do iceberg, sendo que a maior parte de sua atividade acontece em plataformas anonimizadas, especialmente o *Reddit* que, de acordo com a pesquisa de Manoel Ribeiro *et al* (2020), foi palco de uma intensa

---

<sup>6</sup> "Theorizing the masculinities of the manosphere is further complicated by the transnational nature of this space and its attendant overlaps between local, regional, and global configurations of practice" (Ging, 2017, p. 5).

movimentação nos últimos 14 anos (2004–2016). O *Reddit*, ao centralizar a liberdade de expressão em suas políticas, parece ter favorecido uma radicalização de práticas transgressoras e tóxicas que permeiam e constroem espaços homossociais que habilitam o desabrochar de masculinidades reacionárias feitas em conjunto com as plataformas *online* anonimizadas.

A partir de um “sobrevoo” sobre a *manosphere*, também neste trabalho pretendemos sinalizar algumas práticas contextuais da “machosfera”, corruptela auto-designada pelo encrave brasileiro que, na língua portuguesa, se apropria de ideias e participa das ações da *manosphere* transnacional. As seguintes perguntas norteiam a nossa empreitada: como as práticas de homossocialidade se entrelaçam com plataformas baseadas no anonimato confessional, como o *Reddit*? Quais as práticas (sub)culturais da atualidade podem ser associadas com a *manosphere* e suas variações? Que chaves de observação podem nos ajudar a compreender as encruzilhadas contextuais da machosfera brasileira?

Na primeira seção do artigo, situamos a noção de *manosphere* em um debate mais amplo que retoma as guerras culturais das últimas décadas. Mais especificamente, buscamos situar a *manosphere* a partir dos movimentos *alt-right* (Nagle, 2017; Gilroy, 2018; Strick, 2020) e de seu forte entrelaçamento com as plataformas *online* baseadas no anonimato, como o *Reddit* (Massarani, 2017). Em seguida, detalhamos aspectos da governança e das *affordances*<sup>7</sup> da plataforma *Reddit*, buscando mostrar porque esta ambiência tem sido tão intensamente usada pela *manosphere*. A emergência da “filosofia” *The Red Pill* e sua forte relação com o *Reddit* são explorados na segunda seção.

Na seção “Da *manosphere* à machosfera”, apresentamos como os grupos masculinistas se subdividem em agrupamentos autodenominados, como *Pickup*

---

<sup>7</sup> Dialogando com Leah Lievrouw (2014), *affordances* podem ser pensadas como “oportunidades ou convites para ação que as coisas apresentam aos atores” (p. 48, tradução nossa).

*Artists* (PUAs ou artistas da sedução), *Men Going Their Own Way* (MGTOW), *Incels*, entre outros. Discutimos como essa diversidade de subgrupos torna visível questões relativas à homosocialidade, como a misoginia e o racismo. Após retomar um histórico de massacres praticados por homens que parecem associados com a *manosphere* e voltados sobretudo ao assassinato de mulheres, apontamos algumas afinidades e diferenças entre a *manosphere* e a machosfera.

Nas considerações finais, apontamos possíveis caminhos para o desdobramento de pesquisas que procurem desvendar os contextos da machosfera brasileira e suas interseções com a *manosphere*, que articula uma pretensa transnacionalidade com fortes marcações da cultura estadunidense. Apontamos o estudo das dinâmicas fluidas e interseccionais das masculinidades (Vigoya, 2018) como um dos modos de contextualizar a conformação e os desdobramentos da machosfera em plataformas anonimizadas.

### **1. A emergência de (sub)culturas online e da *manosphere***

A *manosphere* parece ter como elemento constituidor o seu entrelaçamento com as plataformas *online* e, conseqüentemente, com as políticas socioeconômicas e práticas culturais que caracterizam estes mesmos ambientes *online* (d'Andréa, 2020). Neste sentido, interessa-nos discutir como a consolidação dos agrupamentos conservadores se relacionam com as ideologias e materialidades da cultura digital que, de modo cada vez mais intenso, vêm abrigando as discussões e as ações da *manosphere*.

Como discute Paul Gilroy (2018) sobre a relação entre políticas e tecnologias digitais, o que tem se convencido chamar de *alt-right*, ou Direita Alternativa, começa a ganhar contornos mais nítidos a partir de 2015, alcançando a

política econômica e o poder político formal em alguns países, inclusive no Estados Unidos (2016) e no Brasil (2018). Atento principalmente para a atualização dos racismos e para as novas formas de manifestações eugenistas da contemporaneidade, o autor revela uma trama entre tecnologias digitais, propaganda e projetos políticos, cuja topografia é transnacional e atua com respaldo em discursos de usuários e influenciadores digitais. Nas palavras de Gilroy (2018), *alt-right*

refere-se a uma aliança internacional ou coalizão informal bem financiada que tem acesso aos mais altos níveis de poder. O agrupamento é tecnologicamente sofisticado e tem um domínio desconcertante de comunicação política e psicológica, por meio dos aspectos libidinais e afetivos das novas tecnologias, em geral, e das mídias sociais, em particular (Gilroy, 2018, p. 22-23).

A *alt-right* é parte do complexo da ala populista de direita. De acordo com Gabriele Dietze e Julia Roth (2020, p. 8, tradução nossa<sup>8</sup>), este complexo é uma reunião "não apenas de partidos, movimentos ou organizações, mas também de discursos midiáticos, narrativas e formas de ação" que compartilha uma obsessão com questões de gênero não só ligadas a discussões étnico-raciais, mas também de sexualidades, em diferentes âmbitos. Já Simon Strick (2020) destaca que a habitação primária da *alt-right* é o mercado de atenção da internet<sup>9</sup>. Para ele, a *alt-right* é o centro cultural da Nova Direita que capitaliza sobre seus discursos amorfos, mutáveis e incoerentes que advogam por uma "cultura europeia e estadunidense" e pela "civilização ocidental". Strick (2020) considera essas causas

---

<sup>8</sup> "The essays assembled in this volume thus relate right-wing populism not only to parties, movements, or organizations, but also to media discourses, narratives, and forms of action. Therefore, the editors of this volume suggest to speak of a right-wing populist complex" (Dietze; Roth, 2020, p. 8).

<sup>9</sup> Strick (2020) afirma que o termo foi cunhado em 2008 pela própria rede e que, portanto, deve ser tratado com cuidado.

como eufemismos para a defesa da branquitude, que não são necessariamente uma estratégia de desumanização de seus Outros, mas de colocar os homens brancos no centro das opressões sociais.

Angela Nagle (2017) discorre sobre a ascensão da *alt-right* em função de sua atuação nas guerras culturais *online* em que tradição ou convenção cultural, contracultura e subcultura disputam e tramam redes sociotécnicas em diferentes plataformas. Nagle (2017) retoma a década de 2010 quando, segundo ela, houve uma ressurgência do "ciberutopismo" (Nagle, 2017, p. 10) dos anos 1990. A autora relembra movimentos sem líderes gestados com as plataformas *online* como a Primavera Árabe<sup>10</sup> de 2010 e os eventos *#Occupy*<sup>11</sup> nos Estados Unidos que, gradualmente, se alinharam a projetos da extrema direita. No Brasil, poderíamos citar as Jornadas de Junho<sup>12</sup> de 2013.

No entanto, para compreender a dinâmica cultural discutida por Nagle (2017) a partir dos anos 2010, precisamos fazer uma digressão para traçar paralelos com o que ela parece, em alguma medida, atualizar: as guerras culturais estadunidenses dos anos 1960. Andrew Hartman (2019) discorre sobre esse período a partir do confronto declarado do que ele identifica como "Estados Unidos normativo" com o questionamento da modernidade que foi trazida para a superfície da cultura do país por parte da Esquerda. Uma cultura que passou do consenso sobre as clivagens sociais para o conflito, conforme o autor.

---

<sup>10</sup> Onda de protestos que teve início em 18 de dezembro de 2010 no Oriente Médio e Norte da África para expor a repressão dos Estados.

<sup>11</sup> Protestos contra a ganância do capital financeiro de Wall Street.

<sup>12</sup> Manifestações de 2013 que inicialmente questionavam o aumento do valor da passagem do transporte público em São Paulo e que se alastraram pelo Brasil em função da violenta represália da polícia a tais demonstrações na capital paulista. Paulatinamente, reivindicações muito diversas foram acrescidas à original e substanciaram uma série de protestos auto-proclamados apartidários durante e contra a Copa das Confederações (2013) e a Copa do Mundo (2014).

Os anos 1960 foram uma década divisora de águas que em grande parte tem a ver com o papel desempenhado pela Nova Esquerda, uma configuração informal de movimentos que incluíam o antiguerra, *black power*, feminista e liberação gay, entre outros. Na maneira como seus anseios foram incorporados nos Estados Unidos hegemônicos, e nas reações conservadoras contra ameaças que ela representava a um país aparentemente tradicional, a Nova Esquerda foi incomensuravelmente influente (Hartman, 2019, p. 10, tradução nossa<sup>13</sup>).

Em diálogo com o autor, podemos entender as guerras culturais dos anos 1960 como uma tensão entre a tradição e a renovação. Seguindo o pensamento de Hartman (2019), a primeira seria a cultura normativa e moderna idealizada na esteira do pós-Segunda Guerra Mundial e do assassinato de John Fitzgerald Kennedy, presidente do país no início dos anos 1960. A segunda seria uma contracultura que questionava o que eram os Estados Unidos, relativizando sua universalidade. Ela era um dos modos de expressão do ideário político da Nova Esquerda cujo núcleo era composto por jovens brancos universitários, um novo perfil demográfico para a época, sensibilizados principalmente pela luta da população negra por Direitos Civis (Hartman, 2019). Logo a contracultura ganhou espaço na cultura de massa já que esta visava atrair a juventude e domesticá-la para outros perfis demográficos. É por isso que o autor afirma que se, por um lado, a Nova Esquerda não teve tanto sucesso na política econômica e no poder eleitoral, por outro, ela teve algum sucesso no campo cultural (Hartman, 2019).

Em diálogo com as exposições de Richard Barbrook e Andy Cameron (2018), originalmente publicadas em 1995, é possível notar a influência das guerras culturais dos anos 1960 no impulso ideológico que agiu sobre o

---

<sup>13</sup> "The sixties were a watershed decade due in large part to the role played by the New Left, a loose configuration of movements that included the antiwar, Black Power, feminist, and gay liberation movements, among others. In the ways in which its desires were incorporated into mainstream America, and in the conservative reaction against the threats to a seemingly traditional America that it represented, the New Left was immeasurably influential" (Hartman, 2019, p. 10).

estabelecimento do conglomerado midiático e tecnológico digital atual. Para os autores, a ideologia californiana é uma fusão entre a boemia cultural de São Francisco (os *hippies*) com a indústria de alta tecnologia do Vale do Silício (os *yuppies*). Então, a idealização de mídias alternativas, sob promessa de uma aldeia global, pode ser observada também como uma convergência de interesses entre Direita e Esquerda que se encontraram num projeto antiestatista que foca na ação e na liberdade individuais. Ainda segundo os autores, gradativamente o projeto direitista foi ganhando terreno no Vale do Silício à medida que a "mídia alternativa" foi desenvolvendo uma cultura do "faça-você-mesmo" que projeta um indivíduo autossuficiente que desbrava a tecnologia. Desse modo, há mais de 25 anos, Barbrook e Cameron (1995) já haviam alertado que as mídias alternativas poderiam levar a uma fragmentação da sociedade e ao aumento das desigualdades sociais.

Com isso em mente, quando retomamos as guerras culturais *online* da atualidade discutidas por Nagle (2017), podemos entender que nos anos 2010 houve um novo momento de intensificação de movimentos políticos conservadores que, apropriando-se do crescente processo de plataformização, atualizaram também as guerras culturais. Porém, desta vez, eles se tornaram atos políticos ligados à contra-revolução protagonizada por uma *alt-right* que visava reagir e atacar a relação interessada da cultura convencional com a contracultura iniciada nos anos 1960, como expusemos acima. Se, assim como as mídias tradicionais, as plataformas *online* mais visíveis também parecem implicadas nas tensões atuais entre uma dita cultura convencional e a contracultura, nas plataformas e fóruns *online* anonimizados e menos visíveis emerge uma subcultura confessional e debochada de jovens que se exprimem com ressentimento daquilo que tacha como "politicamente correto", "misândrico", "multicultural" e "marxismo

cultural". Nagle (2017) identifica essa vertente como *alt-light*; uma versão mais informal da *alt-right*.

Antes que a manifestamente racista *alt-right* fosse amplamente conhecida, a parte mais popular da *alt-light* profusamente a bajulou, deu-lhe avaliações elogiosas no Breitbart e em outros lugares, colocou seus porta-vozes nos seus shows no YouTube e os promoveram em suas mídias sociais (Nagle, 2017, p. 9, tradução nossa<sup>14</sup>).

Robert Futrell e Pete Simi (2017) também observam que o fenômeno subcultural tem a ver com uma retirada gradual da *alt-right* da cultura convencional em função da influência mútua entre esta e uma contracultura que, assim, passa a demonstrar uma certa hostilidade com o misógino e com o racista (Hartman, 2019). Ainda que menos visível ao público em geral, o fenômeno subcultural continua a ter grande impacto sócio-cultural, mesmo que tenha pouca transparência. Conforme os autores, o extremismo racista recriado no “atenuado” discurso das vítimas brancas que sofrem “discriminação reversa” teria “encontrado santuário na Internet, abraçando a dissimulação como estratégia de sobrevivência” (Futrell; Simi, 2017, p. 76, tradução nossa)<sup>15</sup>.

Conforme Nagle (2017), a emergência dessa sobreposição subcultural em que as práticas da *alt-right* e *alt-light* se encontram e se produzem mutuamente está diretamente relacionada à concepção que seus integrantes têm a respeito de plataformas *online* que não têm a anonimidade como *affordance*, como o *Facebook* e o *Instagram*. Na perspectiva deles, essas teriam se tornado centros de vigília em que a observação insistente entre usuários pode fazer com que qualquer deslize,

---

<sup>14</sup> "Before the overtly racist *alt-right* were widely known, the more mainstream *alt-light* largely flattered it, gave it glowing write-ups in Breitbart and elsewhere, had its spokespeople on their YouTube shows and promoted it on social media" (Nagle, 2017, p. 9).

<sup>15</sup> "They found sanctuary on the Internet, embracing concealment as a savvy survival strategy" (Futrell; Simi, 2017, p. 76).

ainda que bem-intencionado, vire uma humilhação pública organizada (Nagle, 2017), o que nos parece próximo ao que tem sido chamado na língua corrente de "cancelamento" ou "lacração".

Desse modo, entendemos que a *manosphere* emerge conjuntamente com os espaços homossociais construídos com as plataformas que têm a anonimidade<sup>16</sup> como *affordance*, isto é, como possibilidade de uso. Tal esfera de homens parece alinhada com um conjunto de práticas (sub)culturais que coincide e se confunde – mas não se resume a isso – com o encontro entre *alt-right* e *alt-light*. Vale registrar ainda que a estratégia de coerção coordenada que teria afastado a *manosphere* das plataformas *online* mais visíveis costuma ser seu próprio *modus operandi* naquelas mesmas plataformas (Marwick; Caplan, 2018), como no emblemático caso do *#GamerGate* (Massanari, 2017)<sup>17</sup>.

Assim, pode-se afirmar que as articulações entre *alt-right* e plataformas anonimizadas foram decisivas para a emergência da *manosphere*. Por isso, enfocamos o *Reddit* na próxima seção, já que, por ter a anonimidade como *affordance*, ele parece viabilizar o tom confessional que atravessa a *manosphere* e talvez por isso tenha concentrado a maior parte de sua atividade (Ribeiro *et al*, 2020). A seguir discutimos como o *Reddit* materializa espaços homossociais que, em conjunto com seus usuários, constroem masculinidades da "filosofia" *The Red Pill*.

---

<sup>16</sup> Vale apontar que a anonimidade não é inerentemente ruim. Como discute Henninger (2019), a possibilidade de compartilhamento de pensamentos considerados tabu, por exemplo, pode favorecer o acolhimento de sofrimentos difíceis de exprimir de outro modo.

<sup>17</sup> O *#GamerGate* (GG) aconteceu em 2014 e se disseminou por meio de uma hashtag compartilhada por indivíduos que se diziam frustrados com uma suposta falta de ética no jornalismo de vídeo games. Rapidamente, o GG se tornou uma campanha de assédio sistemático a desenvolvedoras de games que fossem mulheres e/ou profissionais oriundos de grupos vulnerabilizados, jornalistas, críticos e seus aliados (Massanari, 2017).

## 2. O *Reddit* e a "filosofia" *The Red Pill*

O *Reddit* é uma plataforma que por muitos anos se autopromoveu “a página inicial da internet”<sup>18</sup> e, de acordo com Nicholas Proferes *et al.* (2021), essa afirmação parece ter alguma relação com a realidade, já que aquela plataforma parece estar tomando o lugar do *Twitter* para tirar a “temperatura *online*” devido a sua facilidade inerente de achar e coletar dados de aproximadamente 52 milhões de usuários ativos diariamente e 138 mil *subreddits*. Até 2018, ela sustentava fortemente uma política de “liberdade de expressão” e “liberdade de escolha” que, quando somada a *affordance* da anonimidade, estimulava a confissão de sentimentos e pensamentos de toda sorte, bem como a discussão em primeira mão de eventos ao redor do mundo. Conforme Adrienne Massanari (2017), as políticas das plataformas são uma reunião de arquitetura e normas que encorajam certos tipos de culturas e comportamentos e desencorajam outros.

No caso do *Reddit*, qualquer um pode criar seu *subreddit*, uma espécie de comunidade, ao tornar-se um *redditor*; designação dada ao usuário que é uma corruptela entre o nome da plataforma e a palavra “editor” na língua inglesa. Massanari (2017) nos conta que a visibilidade dos textos postados no *Reddit* é baseada na diferença entre o número de votos positivos (*upvotes*), que ajudam um conteúdo a ganhar visibilidade, e negativos (*downvotes*), que podem levar à exclusão de um post, dados por *redditors* de um dado *subreddit*. A moderação dos

---

<sup>18</sup> Em julho de 2021, o *Reddit* atualizou a sua tagline e passou a usar “Dive into anything”.

*subreddits* é geralmente voluntária e, em linha com a ideia de liberdade pregada pela plataforma, moderadores e administradores resistem em interferir na circulação de conteúdos com vistas a garantir uma dita imparcialidade do *Reddit*.

Essa política e essa arquitetura de votação fracamente moderada colocariam os textos em uma competição por visibilidade mediada por votos, o que parece favorecer o recrudescimento da transgressão como estratégia arriscada de engajamento com os conteúdos circulados. Soma-se a isso o *karma*, um sistema que pontua os usuários de acordo com a contribuição que eles dão para suas respectivas comunidades (Massanari, 2017). Ou seja, a arquitetura de participação da plataforma facilita e, de certo modo, incentiva que os *redditors* produzam conteúdo e ganhem popularidade por isso. Assim, o *Reddit* parece ter sido uma das plataformas mais propícias para um crescente desabrochar de uma cultura nerd e para a valorização de um certo pensamento racional que é culturalmente atribuído àqueles que se interessam por *STEM*<sup>19</sup> (Massanari, 2017); atributos que são comumente reivindicados pelas masculinidades. Atualmente, o *Reddit* é mais acessado do que o *Facebook* nos Estados Unidos<sup>20</sup> e aproximadamente 6% dos usuários *online* estão no *Reddit*, com uma média de idade entre 18 e 29 anos (Henninger, 2019; O'Malley; Holt; Holt, 2020).

Não por acaso, o *Reddit* se tornou a plataforma ideal para a materialização da "filosofia" *The Red Pill* que organiza várias das subculturas da *alt-right*, inclusive a *manosphere*. Trata-se de uma metáfora que tem sido "central para a retórica da *alt-right* e que também tem sido usada por essas subculturas políticas masculinistas e anti-feministas que constantemente polinizaram transversalmente

---

<sup>19</sup> Acrônimo para ciência, tecnologia, engenharia e matemática de acordo com a grafia inglesa dessas palavras.

<sup>20</sup> O *Reddit* é atualmente a terceira plataforma mais visitada nos Estados Unidos, seguindo o Google e o YouTube. Disponível em: <<https://www.inc.com/minda-zetlin/mit-psychopath-ai-norman-reddit-violence-captions.html>>. Acesso em: 13 set. 2021.

diferentes camadas da direita *online*" (Nagle, 2017, p. 86, tradução nossa)<sup>21</sup>. A *TRP*, como a *alt-right* e a direita radical, é uma combinação de patriarcado e ideologia da supremacia branca que enfoca a vigilância dos corpos das mulheres brancas no intuito de implementar uma certa política demográfica racial (Zuckerberg, 2018; Dietze; Roth, 2020; Strick, 2020) e que naturaliza a estratificação e as desigualdades sociais (Hagen; Tutters; Wilson, 2020).

Sal Hagen, Marc Tutters e Jack Wilson (2020) nos contam que, ao contrário da pílula azul que precisa ser tomada várias vezes para que se continue "dormindo", a pílula vermelha pode ser tomada só uma vez. Os autores revelam que a *TRP* surgiu no *Reddit* em um *subreddit* dos *men's rights activists* antes de seguir para comunidades mais políticas. Porém, sua aparição na plataforma é anterior à implementação de *subreddits*, em 2006. A *TRP* parece ter ganhado tração em 2013 e ter sido frequente no *subreddit r/KotakuinAction* em 2014, quando da ocorrência do *#GamerGate*. Além disso, ainda de acordo com os autores, a *TRP* teve grande proliferação no *r/The\_Donald* em 2017 – *subreddit* cujos moderadores estavam relacionados à coordenação da campanha de Donald Trump –, e outras comunidades ligadas à *manosphere*, como a *r/braincels*, e teorias da conspiração.

Para a *manosphere*, ser "vermelhopilado" é despertar para a "misandria" (Marwick; Caplan, 2018), o suposto "racismo reverso" (Zuckerberg, 2019; Strick, 2020), a "lavagem cerebral" dos feminismos (Nagle, 2018; Strick, 2020) e a dominação da "extrema esquerda" (Ging, 2017; O'Malley, Holt & Holt, 2020). A *TRP* é compartilhada por vários grupos da *manosphere* que a tem como uma "revelação" para o pensamento masculino; um sistema de crenças; uma rede de misoginia (Bratich; Banet-Weiser, 2019). Além disso, para certos grupos internos,

---

<sup>21</sup> "The 'red pill' metaphor that has been central to the alt-right rhetoric has also been central to these anti-feminist masculinist political subcultures that constantly cross-pollinate with different layers of the online right" (Nagle, 2017, p. 86).

trata-se de uma possível oportunidade de melhoria nas habilidades de sedução sustentadas pela “psicologia evolucionária” de inspiração darwinista e teorias econômicas neoliberais (Valkenburgh, 2018).

Em 2012, a TRP deu origem a um *subreddit* homônimo muito popular no *Reddit* denominado */r/TheRedPill*. Conforme Nagle (2017), este espaço teria sido central para

o desenvolvimento e a ressurgência de políticas anti-feministas *online*. Ao mesmo tempo que esses anti-feministas estavam usando o termo para descrever seu despertar dessa bem-aventurada prisão mental vanguardista e adentrar a versão desplugada<sup>22</sup> da real misandria societal, a *alt-right* dura estava abraçando o termo para descrever seu equivalente despertar racial (Nagle, 2017, p. 88, tradução nossa)<sup>23</sup>.

Conforme Ging (2017), os seguidores da “filosofia” TRP na *manosphere* podem não compor grupos extensos, mas eles usam a anonimidade a seu favor de modo a se libertar de limitações físicas e criar para si uma presença exagerada em múltiplas plataformas, performando suas interações no que eles dizem ser um equilíbrio entre emoção e razão, o que gera pertencimento à *manosphere*.

O *subreddit /r/TheRedPill* foi colocado em quarentena em 28 de setembro de 2018 devido a uma escalada de seu discurso violento. Para o *Reddit*, a quarentena dessa comunidade é reveladora de uma pressão do público, de instâncias legislativas e dos anunciantes para a diminuição do ódio favorecido pela retórica de livre expressão da plataforma (Copland, 2020). Para Simon Copland

---

<sup>22</sup> A metáfora de desplugar é uma referência ao filme *The Matrix*. Ao entrar na matrix, o filtro que impedia Neo de ver a realidade é desligado.

<sup>23</sup> "The Reddit subforum The Red Pill has been central to online development and resurgence of this anti-feminist politics online. At the same time as these anti-feminists were using the term to describe their awakening from this blissful mind prison of liberalism into the unplugged reality of societal misandry, the hard alt-right was embracing the term to describe their equivalent racial awakening" (Nagle, 2017, p. 88).

(2020, p. 3, tradução nossa)<sup>24</sup>, "a função de quarentena no *Reddit* [...] é desenhada para limitar o acesso de usuários aos *subreddits* identificados e, em retorno, limitar a difusão de conteúdo questionável sem banir totalmente o conteúdo". Como argumenta o autor, a função de quarentena levou a uma menor atividade dos *subreddits* em que ela foi aplicada, mas não mudou o comportamento dos usuários que migraram o fórum para uma rede construída por eles<sup>25</sup> e para outras plataformas. Desse modo, se a gestação da *TRP* tem uma intensa relação com o *Reddit*, hoje a "filosofia" parece ter se espreado e viabilizado até mesmo uma plataforma própria.

Na próxima seção apresentaremos as facções mais conhecidas da *manosphere* e a hierarquia das masculinidades construídas por elas com as plataformas. Então, aproximaremos tais facções do Brasil com base em eventos correlacionados com a sua emergência contextual: a machosfera.

### 3. Da *manosphere* à machosfera

A *TRP* é uma "filosofia" que orienta e se desdobra em diversas facções e plataformas em que se encontram práticas textuais da *manosphere*. Como dissemos anteriormente, não se trata de um agrupamento homogêneo ou consensuado. Há hierarquias e ordenações internas de modo que muitas vezes elas hostilizam e debocham umas das outras. Por alto, a *manosphere* se divide entre facções de masculinidades conservadoras, ou alpha, e masculinidades nerds, ou betas (Ging, 2017); o que nos parece um espelho imperfeito da relação entre *alt-right* e *alt-light*, respectivamente. E ainda, essa dinâmica interna de masculinidades

---

<sup>24</sup> "Reddit's quarantine function is unique from these approaches as it is designed to limit the accessibility of users to identified subreddits, and in turn to limit the spread of questionable content, while not banning the content outright" (Copland, 2020, p. 3).

<sup>25</sup> Disponível em: <<https://www.trp.red/feed/all>>. Acesso em: 8 mai. 2021.

parece bem afinada com as discussões de Raewyn Connel (2013) sobre a relação entre masculinidades hegemônica e subalterna – e também cúmplice, subordinada e marginalizada, como discute Soraya Januário (2016) em diálogo com Connel – que combinam aspectos físicos e simbólicos tensionados pelos contextos históricos e culturais.

Antes de seguirmos com a contextualização das masculinidades, importa novamente indicar que a denominação *manosphere* e outros termos que gravitam ao seu redor são autodesignações, e não nomeações dadas por uma entidade externa a eles. O mesmo vale para eventuais aportuguesamentos e traduções das nomenclaturas mencionadas abaixo. No entanto, frisamos que não assumimos os termos como estáticos ou descrições findas, mas revelações introdutórias daquilo que objetivamos discutir.

As masculinidades conservadoras ou alpha parecem formadas pelos *Men's Rights Activists*<sup>26</sup> (MRAs) e *Pickup Artists* (PUAs ou artistas da sedução), que buscam conquistar e subjugar suas parceiras sexuais. Donna Zuckerberg (2018) identifica ainda subgrupos dentro dessas facções devido a tensões e discordâncias com os seus similares, como *Men's Human Rights Movement*<sup>27</sup> (MHRM) e o *Men's Human Rights Advocates*<sup>28</sup> (MHRA).

Há ainda outros grupos que parecem se constituir em masculinidades híbridas das anteriores, como é o caso do *Men Going Their Own Way*<sup>29</sup> (MGTOW), que deu nome a uma comunidade homônima no *Reddit* colocada em quarentena em 2019 (Copland, 2020). Diz-se também de agrupamentos que estão teorizando uma nova masculinidade que “transcenderia” a biologia e que não teria espaço na

---

<sup>26</sup> *Ativistas dos Direitos dos Homens*, em tradução livre.

<sup>27</sup> *Movimento pelos Direitos Humanos dos Homens*, em tradução livre.

<sup>28</sup> *Defensores dos Direitos Humanos dos Homens*, em tradução livre.

<sup>29</sup> *Homens Seguindo seu Próprio Caminho*, em tradução livre.

atual hierarquia. Segundo Ging (2017), Paul Elam, idealizador do *A Voice For Men*<sup>30</sup> (AVFM), chama de “zeta” os “guerreiros sóciossexuais” que emergem na Internet e que são grosseiros na busca pela sua independência, principalmente em relação às mulheres, mas sem prescindir delas.

Nas masculinidades betas estariam localizados os *incels*<sup>31</sup> ou *betafags*<sup>32</sup> que dizem ter abandonado as relações românticas e sexuais heterossexuais e que, mesmo usando linguagem excessivamente LGBTQIA+fóbica, são menos intolerantes com a homossexualidade masculina enquanto expressão de uma certa transgressão sexual que prescinde de mulheres. Seguindo a perspectiva de Natalie Wynn (2018), de algum modo, *incels* seriam fruto de uma frustração com as expectativas sexuais geradas pelos grupos que pregam “a pegação” de mulheres. As masculinidades beta parecem inferiorizadas não somente por um recorte de classe, mas também por características corporais relacionadas com padrões de beleza. Nessa toada, de acordo com Wynn (2018), questões raciais não passam despercebidas enquanto fuga de tais padrões. Nessa esfera, Jack Bratich e Sarah Banet-Weiser (2019) chegam a identificar um recrudescimento da “filosofia” vermelhopilada que se torna a *the black pill*: uma rejeição da ideia do jogo de sedução que colocaria homens em posição de “dependência” de mulheres.

O massacre de Isla Vista, na Califórnia, cometido por Elliot Rodger de 22 anos em 2014, se tornou um marco da emersão radicalizada da *manosphere*, de modo geral, e dos *incels*, de modo específico. De acordo com Luís Meira (2021, p.

---

<sup>30</sup> *Uma Voz Para os Homens*, em tradução livre.

<sup>31</sup> Corruptela da língua inglesa para “celibatários involuntários” (*involuntary celibacy*). Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51880555>>. Acesso em: 2 jan. 2021. A facção fundou o *subreddit* /r/Braincels que foi colocado em quarentena no Reddit em 28 de setembro de 2018, junto com /r/TheRedPill, e banido em 2019 (Copland, 2020).

<sup>32</sup> Afeminados beta, em tradução livre, sendo *fag* uma abreviação de *faggot* que é uma expressão pejorativa e homofóbica da língua inglesa para se referir às pessoas gays. “Beta” aponta para uma ideia de segunda classe.

13), o estudante universitário se dirigia à "sororidade mais famosa do campus de sua universidade com o objetivo vitimar mulheres. Ao não conseguir entrar, atirou nas pessoas que passavam pela rua". Ele deixou sete mortos e treze feridos<sup>33</sup> e foi morto pela polícia em seguida. No dia anterior ao ato terrorista<sup>34</sup>, Elliot Rodger publicou um vídeo no *YouTube* em que anunciava sua vingança contra garotas, já que elas o rejeitavam e, por isso, ele ainda era virgem, identificando-se *incel*. Segundo Meira (2021, p. 79), o jornal *Los Angeles Times* batizou "Elliot Rodger com o título de 'primeiro matador da *Alt-Right*'" (Meira, 2021, p. 79). Há ainda outros casos ao redor do mundo, como o atentado de 2018 na Nova Zelândia em que 51 muçulmanos foram mortos por um supremacista branco (Meira, 2021).

No entanto, a primeira vez que um ato terrorista associado à misoginia cultivada *online* aconteceu no Brasil tem data anterior ao de Isla Vista. O massacre do Realengo, no Rio de Janeiro, ocorreu em abril de 2011 quando 12 pessoas morreram na Escola Municipal Tasso de Silveira em um tiroteio planejado e executado pelo frequentador de fóruns de *Homens Sanctos*<sup>35</sup>, Wellington Menezes de Oliveira<sup>36</sup> de 23 anos. Das 12 pessoas assassinadas, 10 eram meninas (Meira, 2021).

O segundo ato terrorista com ligações ao ódio cultivado *online* ocorreu em 2019 na Escola Estadual Raul Brasil em Suzano, São Paulo, e deixou dez mortos e 11 feridos. Os assassinos, que se mataram em seguida, Guilherme Tauci Monteiro (17 anos) e Luiz Henrique de Castro (25 anos), participavam do fórum *Dogolachan*,

---

<sup>33</sup> Disponível em:

<[https://brasil.elpais.com/brasil/2014/05/25/internacional/1401043694\\_312869.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/05/25/internacional/1401043694_312869.html)>. Acesso em: 16 mai. 2021.

<sup>34</sup> A adjetivação "terrorista" tem sido usada por autores como Roberta O'Malley; Karen Holt; e Thomas Holt (2020) e Luís Meira (2021) para fazer referência às violências cometidas por grupos da *manosphere* em função de sua crescente radicalização.

<sup>35</sup> Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56657419>>. Acesso em: 13 set. 2021.

<sup>36</sup> Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/neste-dia-em-2011-ocorria--massacre-de-realengo-a-tragedia-que-abalou-o-pais.phtml>>. Acesso em: 2 jan. 2021.

um dos maiores fóruns *chan* da *alt-right* brasileira (Meira, 2021)<sup>37</sup>. De acordo com Luís Meira (2021, p. 12), "pode-se dizer, a partir de postagens [...] que os crimes de Suzano foram premeditados e com alvos comuns a outros casos de *mass shooting* (tiroteio em massa) em escolas norte-americanas".

Em fevereiro de 2021, o assassinato da jogadora profissional de *e-sports* Ingrid Bueno, de 19 anos, por Guilherme Costa, de 18 anos, que está preso<sup>38</sup>, também guarda relações com um *chan* misógeno. Antes de ser preso, ele escreveu um e-mail para a Professora Doutora Dolores Aronovich, do Departamento de Letras da Universidade Federal do Ceará, em que sublinhou seu ódio por mulheres<sup>39</sup>.

A escolha da professora como destinatária da mensagem não foi aleatória. Sob o apelido Lola Aronovich, desde 2011 ela denuncia ataques e ameaças de subculturas da internet, além de fazer um esforço para revelar a "filosofia" da mesma. As intimidações são muito em função do seu *blog* *Escreva, Lola, Escreva*<sup>40</sup> que desde 2008 discute feminismos, entre outros assuntos. Aronovich tem uma triste e longa história de assédios graves, sendo que os mais notórios foram recebidos de Marcelo Valle Silveira Mello, um assumido *Mascu Sancto*<sup>41</sup>. Mello foi processado e condenado pela primeira vez em 2009 por racismo em um fórum da

<sup>37</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/03/13/apos-1-ano-mp-investiga-grupo-criminoso-suspeito-de-idealizar-estimular-e-comemorar-massacre-de-suzano-na-deep-web.ghtml>>. Acesso em: 16 mai. 2021.

<sup>38</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/02/25/mp-acusa-estudante-de-usar-faca-e-espada-para-matar-jogadora-profissional-de-game-em-sp-e-pede-exame-de-insanidade-mental.ghtml>>. Acesso em: 16 mai. 2021.

<sup>39</sup> Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/lola-aronovich-o-assassinato-de-sol-nao-e-caso-isolado/>>. Acesso em: 16 mai. 2021.

<sup>40</sup> Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com/>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

<sup>41</sup> Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/05/10/interna-brasil,679816/marcelo-mello-e-presol-lola-aronovich-comenta-ameacas.shtml>>. Acesso em: 9 mai. 2021.

Universidade de Brasília (UnB) no *Orkut*, mas à época não foi preso<sup>42</sup>. Lola Aronovich relata que passou seis ou sete anos denunciando suas intimidações para a Polícia Federal, mas o homem só foi de fato preso em 2013 por ter sido flagrado planejando uma chacina contra alunos de Ciências Sociais da Universidade de Brasília. Solto um ano depois, ele retomou às ameaças a Aronovich e foi preso em 2018 na *Operação Bravata* da Polícia Federal pela prática de crimes de ódio<sup>43</sup>.

Na atualidade, associações entre esses terríveis eventos de ódio com o contexto brasileiro de subculturas extremistas de direita online parecem estar se delineando. O *Mapa do Ódio*<sup>44</sup>, uma iniciativa acadêmica que busca mapear e analisar sociologicamente os grupos de ódio na região metropolitana do Rio de Janeiro, reconhece duas facções brasileiras da machosfera: *Guerreiros da Real*<sup>45</sup> e os próprios *Homens Sanctos* com que o autor do massacre do Realengo se identificava. Esses grupos dizem ter encontrado uma verdade oculta sobre a “promiscuidade das mulheres” — noção muito similar à *TRP* — que são geneticamente atraídas por homens alpha. O *Mapa do Ódio* identificou em 2020 a atividade de 22 desses grupos apenas na capital do Rio de Janeiro. Tais facções estariam ligadas por 44 nós, que podem ser pessoas ou dinheiro. Entre os grupos reconhecidos estão os “realistas da raça”, o “movimento do direito dos homens”, grupo de jiu-jitsu conservador, *incels*, e outros.

---

<sup>42</sup> Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/preso-por-racismo-tem-longo-historico-de-crimes/>>. Acesso em: 9 mai. 2021.

<sup>43</sup> Disponível em: <[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/05/10/interna\\_cidadesdf.679704/brasiliense-que-planejou-ataque-a-festa-da-unb-volta-a-ser-preso.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/05/10/interna_cidadesdf.679704/brasiliense-que-planejou-ataque-a-festa-da-unb-volta-a-ser-preso.shtml)>. Acesso em: 9 mai. 2021.

<sup>44</sup> A iniciativa é realizada por uma pesquisadora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>45</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/MapaDoOdio/status/1349005465116672003>>. Acesso em: 22 jan. 2021.

Já a pesquisa de Meira (2021, p. 77) no *Dogolachan* identificou que a hierarquização "racial é bastante presente no fórum, apesar de não ser seu principal agenciador discursivo. [...] O ódio às mulheres e a pautas progressistas são mais frequentes do que a retórica de 'invasão racial' da *Alt-right* estadunidense". O autor observa que é comum a marcação de raça parda ou negra para se referir ao Outro de um enunciador que se identifica sob a perspectiva de uma pessoa branca. Pensando com Bratich e Banet-Weiser (2019), o ódio primeiramente direcionado para as mulheres pode ter a ver com uma frustração de entrada na hierarquia homosocial, já que entendem que a rejeição das mulheres é uma negativa de direitos inatos. Meira (2021) indica que mulheres são pensadas como fúteis e inalcançáveis ou insubmissas e feministas; as "merdalheres" (Meira, 2021). Já os grupos LGBTQIA+ também são colocados ao lado da emancipação das mulheres como uma ameaça à hegemonia heteronormativa.

Os eventos e iniciativas exemplificados nesta seção parecem começar a traçar um *continuum* entre plataformas online e certas práticas extremas de uma subcultura direitista. A relação próxima entre *Reddit* e a *TRP*, como uma materialidade que talvez seja um bom ponto de partida para a nossa observação da machosfera, parece construir espaços homosociais em que a confissão de sentimentos de "perda de privilégios" e inadequação para as relações romântico-afetivas parece dar a tônica.

Interessantemente, práticas deste tipo, em que certos homens se negam a reconhecer as vantagens de se ocupar certas posições no tecido social, se alinham com o que caracteriza o campo de estudos das masculinidades; uma vertente dos estudos de gênero. E isso não passa despercebido para a própria *manosphere*. Suas comunidades e usuários têm se empenhado em contestar tal vertente de estudos

de gênero, principalmente antagonizando Michael Kimmel, um dos mais proeminentes pesquisadores de masculinidades da contemporaneidade. Copland (2020) evidencia isso ao observar que, quando o *subreddit /r/TheRedPill* foi colocado em quarentena, os integrantes da comunidade entenderam a intervenção como um ataque não só àquele grupo, mas aos homens como um todo. Segundo o autor, naquele momento, a publicação que obteve o maior engajamento dos *redditors* falava em "abuso e violência contra os homens", ligando esses episódios ao Centro para o Estudo dos Homens e das Masculinidades em Stony Brook, Nova Iorque, que era liderado por Michael Kimmel naquele momento. Desse modo, as masculinidades parecem uma prática identitária importante para a construção dessa subcultura gestada em plataformas online anonimizadas como o *Reddit*, o que nos indica que tensionar as noções que a *manosphere/machosfera* tem a respeito delas pode ser um bom ponto de partida para a nossa investigação.

### **Considerações finais: em busca de arranjos contextuais**

A *manosphere* emerge aqui em associação com chamado complexo da ala política de direita da contemporaneidade (Dietze: Roth, 2020), atuando *online* em sobreposição com a *alt-right* e organizada pela *TRP*. Tal rede masculinista tem sido frequentemente associada a uma subcultura que integra e movimenta as guerras culturais *online* da atualidade (Nagle, 2017). Marcando a fase inicial da pesquisa, podemos dizer que essa caracterização como subcultura nos causa um certo desconforto neste momento. Isso porque o termo "sub" aponta para algo que está abaixo da linha do visível e a *manosphere* parece se mostrar direta ou indiretamente em várias plataformas *online* e, até mesmo, na configuração política formal contemporânea do Brasil.

A atuação da *manosphere* no ecossistema contemporâneo de plataformas nos parece fulcral. Por isso, percebemos que a observação de fenômenos e de plataformas a partir de critérios de visibilidade e de popularidade talvez não seja suficiente para apanhar a complexidade das atuais guerras culturais. Ademais, entendemos que também é importante observar a relação entre as práticas dos usuários e os usos previstos pelas políticas de governança das plataformas para refletir sobre como esses atores atuam em conjunto *com* as culturas contemporâneas e nelas imprimem suas próprias questões éticas, políticas e culturais. Isso não quer dizer que um usuário não possa escapar do que as plataformas preveem, como a criação de *perfis fakes* em plataformas não anonimizadas, mas sim que há um estímulo das *affordances* e das políticas das plataformas para encorajar ou restringir uma ou outra prática.

Além disso, o que se tem acostumado a chamar de "cultura convencional" nos parece muito próximo daquilo que se pactua pensar como hegemônico. Desse modo, a sua modulação tende a se alinhar àquilo que for mais lucrativo. Então, pela nossa observação, em fase inicial, a oposição entre subcultura e cultura convencional nas guerras culturais *online* pode ser uma maneira interessante de organização teórica. No entanto, na prática, o fenômeno se mostra mais complexo, enredado e mutuamente influente, principalmente quando lembramos que a *alt-right*, de acordo com Gilroy (2018), está bem guarnecida econômica e tecnologicamente. Nesse sentido, mover a *manosphere* de um lugar marginal ou adjacente do complexo cultural contemporâneo nos parece uma maneira interessante de desestabilizar seu propósito de colonização das margens e das opressões, já que a rede masculinista se vale da estratégia de inverter as hierarquias sociais para se dizer preterida e, assim, garantir a continuidade de seus

privilégios. Pensá-la como um expressivo movimento opaco, cambaleante e amorfo nos parece um gesto mais ambíguo e, portanto, mais complexo de observação.

Nesse cenário, entendemos que a *manosphere* emerge como (sub)cultura que se faz dissimulada, mas não menor. Ela se constrói conjuntamente com usuários e plataformas que empreendem espaços homossociais, como redes sociotécnicas masculinistas alinhadas à "filosofia" da TRP. Essa co-construção parece favorecer uma radicalização que forja masculinidades preocupadas com a autodefinição de sua própria lógica identitária. Até por isso, ainda que a *manosphere* possa ser entendida como transnacional, parece haver pontos de tensão complexos com seu encaixe nacional, a machosfera. Esses pontos parecem estar relacionados com os contextos sociais e históricos das culturas em questão e com o modo como essas dimensões contextuais se cruzam e se movem entre intersecções de gêneros, raças, classes sociais e sexualidades. Tais interseccionalidades (Crenshaw, 1991; Collins; Bilge, 2017) parecem ter um papel importante na hierarquização de masculinidades e na sua relação com outras dimensões humanas também interseccionadas e contextuais (Kimmel, 1998; Vigoya, 2018).

O posicionamento recorrente que a *manosphere* tem de si como vítima de uma sociedade "misândrica" e "inversamente racista" que a coloca em situação de "marginalização sistêmica", numa recusa insistente de reconhecer os seus privilégios dentro desse sistema (Ging, 2018; Zuckerberg, 2018), reforça a validade de conhecer o fenômeno em diálogo com a dinâmica fluída das masculinidades. Dinâmica que merece um olhar atento para machosfera, já que a literatura sobre masculinidades nas Nossas Américas (Vigoya, 2018) nos dá indícios de que suas práticas e hierarquizações talvez tenham camadas adicionais de complexidade devido aos nossos contextos sócio-históricos e pela maneira como a rede

masculinista se move num cenário plataformizado transnacional e (sub?)cultural de tendências imperialistas em que a *manosphere* se espraia.

### Referências bibliográficas

BARBROOK, R.; CAMERON, A. *A Ideologia Californiana: Uma crítica ao livre mercado nascido no Vale do Silício*. União da Vitória: Editora Monstro dos Mares, 2018.

BRATICH, Jack; BANET-WEISER, Sarah. From Pick-Up Artists to Incels: Con(fidence) Games, Networked Misogyny, and the Failure of Neoliberalism. *International Journal of Communication*, 2019. p. 5003-5027.

CEPÊDA, Vera Alves. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. *Revista de Ciências Sociais*, v.23, n.2, 2018. p. 40-74

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Intersectionality*. Cambridge, Malden: Polity Press, 2016.

CONNEL, R.W. *Masculinidades*. México: Universidad Nacional Autónoma do Mexico, 2003.

COPLAND, Simon. Reddit quarantined: can changing platform affordances reduce hateful material online? *Internet Policy Review*, 2020, vol. 9, n. 4. p. 2-26.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. *Stanford Law Review*, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991.

D'ANDRÉA, Carlos. *Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos*. Salvador: EDUFBA, 2020.

DIETZE, G.; ROTH, J. Authoritarian Right-Wing Populism as Masculinist Identity Politics. The Role of Affects. In: *Right-Wing Populism and Gender: European Perspectives and Beyond*, edited by Dietze, G. & Roth, J., 23-40, Transcript: Gender Studies, 2020.

FUTRELL, Robert; SIMI, Pete. the [un]surprising alt-right. *Contexts*, Vol. 16, No. 2, 2017. p. 76.

GILROY, Paul. Civilizacionismo, a “alt-right” e o futuro política antirracista: um recado da Grã-Bretanha. *Revista: ECO-Pós*, v. 21, n. 3, 2018. p. 17-34.

GING, Debbie. *Alphas, Betas, and Incels: Theorizing the Masculinities of the Manosphere. Men and Masculinities*, 2017. p. 1-20.

HAGEN, S., TUTERS, M., WILSON, J. *Reactionary Wokeness: How Redpilling Became a Thing on Reddit. Open Intelligence Lab*, 2020. Disponível em: <<https://oilab.eu/reactionary-wokeness-how-redpilling-became-a-thing-on-reddit/>>. Acesso em: 13 set. 2021.

HARTMAN, Andrew. *A war for the soul of America: a history of the culture wars*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 2019. p. 1-38.

HENNINGER, Nicole H. ‘I gave someone a good death’: Anonymity in a community of Reddit’s medical professionals. *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies*, 2019. p. 1-20.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. *Masculinidades em (re)construção: gênero, corpo e publicidade*. Covilhã: Editora LabCom.IFP, 2016.

KIMMEL, Michael. *A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 9, 1998. p. 103-117.

LIEVROUW, Leah A. Materiality and Media in Communication and Technology Studies: An Unfinished Project. In: GILLESPIE, T.; et al. (Orgs.). *Media technologies: Essays on communication, materiality, and society*. Cambridge, MA: MIT Press, 2014. p. 21-51

MARWICK, Alice E.; CAPLAN, Robyn. Drinking male tears: language, the manosphere, and networked harassment. *Feminist Media Studies*, 2018. p. 1-17.

MASSANARI, Adrienne. #Gamergate and The Fappening: How Reddit’s algorithm, governance, and culture support toxic technocultures. *new media & society*, Vol. 19(3), 2017. p. 329-346.

MEIRA, Luís Antônio Alves. *Infiltrado no chan: economia e linguagem do ódio*. 2021. 100 f. Dissertação (mestrado em Línguas, Mídia e Arte) – Programa de Pós- Graduação em Linguagens, Mídia e Arte, Centro de Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

MIADO PODCAST 12. O mapa do ódio, feito por Natália. Entrevistada: Natália. Entrevistador: Luiz Henrique Almeida Mendes de Oliveira. Podcast, 2020. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/3oESiYlnpeqHpK7g3bE8lX>>. Acesso em: 3 jan. 2021.

NAGLE, Angela. *Kill all normies: online culture wars from 4chan to Tumblr to Trump and the alt-right*. Winchester: Zero Books, 2017.

O'MALLEY, Roberta Ligget; HOLT, Karen; HOLT, Thomas. An Exploration of the Involuntary Celibate (Incel) Subculture Online. *Journal of Interpersonal Violence*, 2020. p. 1-28.

PROFERES, N. *et al. Studying Reddit: A Systematic Overview of Disciplines, Approaches, Methods, and Ethics*. *Social Media + Society*, April-June 2021: 1-14, 2021.

RIBEIRO, Manuel Horta *et al. The Evolution of the Manosphere Across the Web*. *Computers and Society*, 2020. p. 1-12.

STRICK, S. The Alternative Right, Masculinities, and Ordinary Affect. In: *Right-Wing Populism and Gender: European Perspectives and Beyond*, edited by Dietz, G. & Roth, J., 207-230, Transcript: Gender Studies, 2020.

VALKENBURGH, Shawn P. Van. *Digesting the Red Pill: Masculinity and Neoliberalism in the Manosphere*. *Men and Masculinities*, 2018. p. 1-20.

VIGOYA, Mara Viveros. *As cores da masculinidade: experiências interseccionais de poder na Nossa América*. Rio de Janeiro: Papeis Selvagens, 2018.

WYNN, Natalie. *Incels / ContraPoints*. 2018. (35m4s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fD2briZ6fB0>>. Acesso em: 8 mai. 2021.

ZUCKERBERG, Donna. *Not all dead white men: classics and misogyny in the digital age*. Londres: Harvard University Press, 2018.